

## SOCIOPOÉTICA E ALFABETIZAÇÃO DIALÓGICA COM MULHERES QUILOMBOLAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NA REGIÃO DOS COCAIS MARANHENSES<sup>1</sup>

Tercilia Mária da Cruz Silva<sup>2</sup>  
Orientadora: Raimunda Nonata da Silva Machado<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho toma como base a pesquisa realizada no Mestrado em Educação (PPGE/UFMA), que objetivou a construção de diálogo com os saberes do cotidiano de mulheres Quilombolas Quebradeiras de coco babaçu, visando práticas de alfabetização dialógica. Para tanto, utiliza o método da Sociopoética (GAUTHIER, 2004; 2012; 2015), que permite a mobilização do corpo como fonte de conhecimentos, fazendo uso de técnicas artísticas de pesquisa e dialogicidade na interação entre a academia e a comunidade, permitindo uma socioanálise do cotidiano, a partir da aprendizagem intercultural, o reconhecimento e valorização das culturas populares e de suas lutas e resistência com Mulheres Quilombolas Quebradeiras de coco babaçu, valorizando o processo de estar presente na comunidade e de dialogar com o território de Laranjeiras. Na Sociopoética o termo “coleta de dados” é substituído por “construção de narrativas”, já que a base desse método está na produção de narrativas por meio de técnicas de incentivo ao diálogo em formato de oficina. Desse modo, a construção de narrativas se deu a partir de Oficinas Dialógicas Afrocentrada em Laranjeiras – ODALas, que consistiu na constituição de grupos-pesquisadores (com as mulheres da comunidade), realização de “círculos de cultura” (Paulo Freire) além da construção coletiva de Temas Geradores, Afrossaberes e Confetos a partir dos valores civilizatórios funcionando, também, como proposta de alfabetização dialógica. Evidenciamos, por meio dessas matrizes metodológicas (Paulo Freire e Jacques Gauthier) que os saberes do cotidiano das mulheres Quebradeiras de coco babaçu são afrossaberes tradicionais que emergem de valores civilizatórios afro-brasileiros presentes na comunidade e representam o fortalecimento da identidade do quilombo e das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

**Palavras-chave:** Práticas Educativas. Sociopoética. Mulheres Quilombolas. Alfabetização Dialógica.

---

<sup>1</sup> Trabalho oriundo da pesquisa de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão (PPGE-UFMA).

<sup>2</sup> Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), E-mail: tercelia.mcs@ufma.br.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Adjunta do Departamento de Educação II, do curso de Pedagogia da UFMA e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: raimunda.nsm@ufma.br

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta como tema as Quebradeiras de coco babaçu da região dos cocais maranhenses, especificamente do município de Codó, Maranhão, Brasil. O estudo emerge de pesquisas realizadas desde o ano de 2018 na Comunidade Quilombola Laranjeiras por meio do projeto extensionista “EJAI Mulher: a ressignificação dos saberes femininos”, que culmina em outros estudos e pesquisas com as mulheres da comunidade, a qual resulta este trabalho como sendo fruto do trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão (PPGE-UFMA).

O objetivo a que se propõe é a construção de diálogo com os saberes do cotidiano de Mulheres Quilombolas Quebradeiras de coco babaçu, visando práticas de alfabetização dialógica. O diálogo em Paulo Freire remete ao encontro de sujeitos, e propõe a distinção entre educação tradicional (educação bancária) e a educação libertadora, que é a proposta do autor.

Em Bakhtin, o “sujeito” emerge na relação com o outro. É um sujeito dialógico e seu conhecimento é fundamentado no discurso que ele produz. O sujeito dialógico bakhtiniano é solidário das alteridades de seu discurso ao ser concebido em uma partição de vozes concorrentes, posto que a palavra do outro se transforma, dialogicamente, tendo um caráter criativo (COMIN; SANTOS, 2010, p. 750).

Em vistas disso, utiliza-se do método da Sociopoética (Gauthier, 2004), o qual permite o uso de técnicas artísticas como fonte de conhecimentos, mobilização do corpo, interação entre os saberes acadêmicos e os saberes comunitários, o que permite a socioanálise do cotidiano, aprendizagem intercultural, reconhecimento e valorização das culturas populares.

Para construção dos dados e elaboração deste trabalho foi realizada uma pesquisa de campo, e as técnicas utilizadas foram observações no campo de pesquisa (comunidade Laranjeiras) e a construção de narrativas se deu a partir de Oficinas Dialógicas Afrocentrada em Laranjeiras – ODALas, como proposta de “círculos de cultura” (Freire, 2011).

Nesse caminho, compreendemos a relação da educação com a cultura, a diversidade, a história, memória e saberes de mulheres Quebradeiras de coco babaçu, a

partir da compressão de que a educação existe em cada povo, ou entre povos que se encontram, do seu modo (Brandão, 2002). Em suma, o estudo busca romper com a ideia colonizadora e valorizar todos os tipos conhecimentos, na perspectiva de diálogo e de resistência pedagógica, epistêmica e política.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa parte de um ambiente social, em contexto comunitário, como base para a fonte de narrativas (materiais de estudo) histórico-social, portanto, a sua abordagem é qualitativa. Os dados da pesquisa foram construídos em colaboração com as co-pesquisadoras, que são as Mulheres Quilombolas Quebradeiras de coco babaçu, participantes deste estudo.

Apoiamo-nos em elementos da pesquisa etnográfica que em Geertz (2008), se dá a partir das relações que são estabelecidas no campo da pesquisa, na seleção das participantes, na transcrição de textos, no mapeamento do campo, na utilização de um diário de campo, entre outros aspectos que constituem o esforço intelectual da pesquisadora. Desse modo, construímos narrativas por meio dos diálogos gerados dentro da comunidade e buscamos sustentação e embasamento para pensarmos a Oficina Dialógica Afrocentrada em Laranjeiras (ODALa).

O processo de observação sistemática (participante e compreensiva), chamamos de Experiência do Viver no/com o quilombo, na qual realizamos processos dialógicos para identificação e levantamento dos saberes que fazem parte do cotidiano das mulheres e da comunidade, e, assim, destacamos afrosaberes (Petit, 2015) que subsidiaram a Oficina Dialógica Afrocentrada – ODALa.

As etapas que se seguiram foram: **formação do grupo-pesquisador**, que perpassa a etapa de observação onde tivemos a oportunidade de conversar individualmente com as mulheres sobre a intenção da pesquisa e apresentar os documentos necessários para a realização, principalmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da Pesquisa. A **negociação da pesquisa**, que também se dá na etapa de observação participante, consistiu na discussão do universo temático, motivações e interesses do grupo.

Após o momento de Negociação da pesquisa, nos debruçamos, de acordo com Gauthier (2015), na **mobilização de todos os recursos do corpo**, sensações, sensibilidade, intuição, as emoções e a razão para a produção de narrativas. Nesse segundo momento, a ODALa foi relevante por reunir um conjunto de técnicas artísticas

de produção de dados. Essas técnicas de inspiração artística são múltiplas e cada facilitador pode inventar técnicas que correspondem ao seu gosto e saber-fazer (GAUTHIER, 2015, p. 82).

Com esses procedimentos de produção e análise de narrativas foi possível pensar propostas de práticas educativas de alfabetização dialógica, em trabalho de estudo e pesquisa com essas mulheres. Para Freire (2011, p. 98), o que se pretende nesse tipo de pesquisa não é investigar, nesse caso, as Mulheres Quilombolas como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo que entendemos como cosmopercepção.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A dialogicidade freiriana é uma proposta de ruptura com a educação bancária, dando lugar a uma educação libertadora. Essa libertação, acontece quando o próprio sujeito, reflexivo e consciente do seu lugar, descobre-se e conquista sua própria liberdade. Assim, experiência e saber se dialetam, conjugadas, nos conduz a práticas educativas dialógicas (FREIRE, 2019, p. 12).

A proposta da dialogicidade é de valorizar horizontalização da educação, ou seja a comunicação bidirecional entre professor, que é um orientador nesse processo e o estudante, culminando a participação ativa e construção coletiva de conhecimentos.

Sabemos que o campo é bombardeado com saberes, com novas tecnologias, com demandas da modernidade que eles têm de se adequar, do outro lado, os espaços científicos, os discursos da academia não levam em consideração naquele espaço já existem saberes.

A definição hegemônica dos lugares de produção de conhecimentos reduziu estes excluindo os saberes e as riquezas dos locais, a diversidade epistemológica, resultando no empobrecimento e desvelamento de outros saberes (SANTOS, 2010, p.17). Castiano (2013), argumenta que o diálogo entre as diferenças, resulta na criação de uma terceira identidade que tem uma estrutura própria. Partindo dessas proposições, a base desse pensamento não se dá na destituição da modernidade, mas no reconhecimento de que existem outras formas de pensar, de fazer e de ser que não estão sendo consideradas, estão sendo colocadas à margem da sociedade. Para Boakari (2019, p. 90),

cada vez mais nas questões das desigualdades sociais brasileiras, se precisa de novas vozes que estão conseguindo pronunciar palavras nas discriminações de outras perspectivas, olhar as vivências cotidianas de sempre, a partir de outras perspectivas e não as que tem ajudado a reproduzir interpretações enviesadas [...].

Para o autor, precisamos de outras vozes, dispostas a desenvolver epistemologias outras, distantes da dominação eurocentrada.

Diante desse desafio, analisamos a dialogicidade do pensamento educacional de Paulo Freire, juntamente com mulheres quilombolas Quebradeiras de coco babaçu, emergindo em dimensões pedagógicas existenciais, políticas e metodológicas. Nesse diálogo, refletimos sobre possibilidades de práticas educativas de alfabetização dialógica, em comunidades quilombolas, inspiradas em uma situação de conhecimento e comunicação, que em Freire (2019, p. 69) se baseia no encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação dos significados

As mulheres Quebradeiras de coco babaçu é uma identidade que foi construída pelo próprio movimento de mulheres, inicialmente, de mulheres espalhadas nas regiões dos babaçuais, que tinham como principal atividade a quebra do coco e se autodenominaram como Quebradeiras de coco (Barbosa, 2008). Em uma longa trajetória, de lutas em prol da preservação dos babaçuais e por acesso as terras para realização da atividade, só a partir da década de 1990, a identidade de quebradeira de coco foi definida e construída em “mobilizações pela garantia da posse da terra, e pelo acesso e preservação de palmeiras de babaçu” (BARBOSA, 2008, p. 268).

Nesse sentido, o Movimento interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) passa a ser um movimento social cujas características principais são a defesa ambiental e ecológica, visando a preservação dos babaçuais e da coleta do coco babaçu, além da afirmação de identidades étnicas (povo da floresta, povos originários, quilombolas, dentre outros) e demandas de gênero (Hobsbawm apud Barbosa, 2014).

Na estrutura organizativa, do MIQCB, existe uma significação territorial/espacial que ultrapassa as divisões geográficas tradicionais, já que não se solidificam em padrões cartográficos estatais, isto porque as mulheres Quebradeiras de coco babaçu —constroem uma territorialidade, já que a noção de território aprendidas por elas está relacionada não somente ao acesso aos babaçuais, mas também a criação de uma identidade própria (BARBOSA, 2014, p. 114).

Em conjunto a dialogicidade Freireana, a construção dos dados da pesquisa contou com o método da Sociopoética, criado pelo filósofo e pedagogo Jacques

Gauthier, em torno dos anos 1993 a 1995. A escolha da Sociopoética tem sentido, neste estudo, pela possibilidade de interação com o campo de pesquisa, além da atitude respeitosa e ética de reconhecimento e valorização das culturas populares e de suas lutas e resistência. A Sociopoética propõe a mobilização do corpo inteiro como fonte de conhecimentos, fazendo uso de técnicas artísticas de pesquisa e dialogicidade na interação entre a comunidade e a academia.

Com a Sociopoética, nos tornamos facilitadoras do processo, assim, juntamente com o grupo pesquisador – mulheres Quilombolas Quebradeiras de coco babaçu – estabelecemos uma relação horizontal, através da dialogicidade. Nesse sentido, os dados da pesquisa foram construídos a partir dessa abordagem que enfatiza o diálogo e a interação com o grupo, resultando em “criação coletiva e conhecimento cooperativo” (Gauthier, 2015, p. 18). No que se segue, apresentamos um recorte dos resultados dos diálogos no campo empírico e as ODALAs.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir do pensamento freiriano e do uso da Sociopoética, é possível conhecer o cotidiano das mulheres quilombolas Quebradeiras de coco babaçu de maneira mais dialógica, a partir da perspectiva decolonial/afrocentrada e assim analisar o conceito freiriano de dialogicidade a partir dos seus saberes, visando à elaboração de práticas educativas de alfabetização dialógica.

Petit (2015, p. 139) aponta que essa construção coletiva é um diferencial, e se constitui como um elemento de potencialização das aprendizagens. Por meio do movimento que Petit (2015, p. 137) chama de rememoração dos afrossaberes tradicionais tecemos nossos diálogos com o grupo pesquisador.

As reuniões, visitas e escolha das co-pesquisadoras, deu-se tendo por base os pressupostos da Sociopoética e, assim, o grupo pode ser formado com sete mulheres, de idades entre 30 a 58 anos, sendo uma delas a líder da comunidade, que não conseguiu participar ativamente da oficina, mas que ofereceu todo suporte necessário à pesquisa. Assim, se deu a construção coletiva de Temas Geradores, Afrossaberes e Confetos a partir dos valores civilizatórios funcionando, também, como proposta de alfabetização dialógica.

Dentro da proposta da ODALA, realizamos o levantamento de temas geradores, compreendendo o momento da investigação dialógica com o grupo-pesquisador como um momento crucial de re-conexão com o lugar de fala do grupo, pois os temas

geradores podem aprofundar debates, levar a outros temas, relacioná-los entre si, com o cotidiano das mulheres e com o mundo.

Tivemos como temas geradores: “quilombo”, “comunidade”, “palmeira”, “coco-babaçu”, “Laranjeiras”, “mulher”, que conduziram aos afossaberes e confetos de mulheres quilombolas Quebradeiras de coco babaçu. Os temas geradores de Freire, articulou alguns sentidos concernentes à comunidade sob a ótica do grupo-pesquisador (de seus afossaberes).

Os diálogos que se sucede, são a partir dos temas geradores levantados, os quais levam as mulheres dialogarem acerca de sua situacionalidade, ou seja, sobre a sua própria condição de existência em Laranjeiras e no mundo, a situação vivida cotidianamente. Segundo Gauthier (2012, p. 113), o grupo “implicado no mundo, ele (o grupo-pesquisador) está conectado, participando do diálogo das coisas entre si”.

Outra atividade realizada na ODALa foi com a técnica de Roda de Ritmos e Movimentos. Para Petit e Cruz (2008), o ritmo é a ordenação do movimento transformador-expressivo, através dele junta-se o indivíduo e o cosmos. Na atividade proposta, as co-pesquisadoras, indo ao centro da roda faz um gesto com o corpo, como uma forma de reelaboração simbólica-cultural. Esse movimento é repetido por todas nós do grupo.

As técnicas artísticas faz parte da proposta da Sociopoética, para Petit (2002, p. 41), “a liberação das capacidades artísticas adormecidas é geralmente vivida pelo grupo pesquisador como um fluxo de auto-libertação”. O que contribui com a ideia de que os saberes podem ser para além de apenas racionalizados, mas possíveis de expressão.

Dialogados e expressos, os saberes manifestados culminam em *confetos*, que são conceitos mais afetos, algo próprio e constituído pelo grupo-pesquisador. Nascido nas técnicas sociopoética tornam visíveis os devires construídos no grupo sobre os temas geradores. A partir dessa noção de corporeidade das dimensões corpo-mente, compreendemos a corporeidade como instrumento relacional, com o mundo e com as práticas dialógicas das mulheres quilombolas Quebradeiras de coco babaçu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociopoética, neste trabalho, nos conduziu as Oficinas Dialógicas Afrocentradas em Laranjeiras – ODALa, que nos possibilitou maior interação com grupo-pesquisador – mulheres Quilombolas Quebradeiras de coco babaçu, refletindo

como as mulheres estão conectadas umas às outras em seu ciclo gnosiológico de ensinar e aprender afrossaberes no dia a dia da comunidade, compartilhando as experiências vivenciadas e os conhecimentos tradicionais umas com as outras, de geração a geração, afinal, o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes (Freire, 2019, p. 94) como foram as palavras geradoras em debates.

Nessa investigação temática, em diálogo com os saberes do cotidiano de mulheres quilombolas Quebradeiras de coco babaçu e vivenciando as ações dialógicas que permeiam a comunidade, produzimos confetos (conceito + afeto) e afrossaberes, por meio de temas geradores. Vale ressaltar que esse trabalho foi possível, essencialmente, por seu vínculo com a dialogicidade freireana associada aos nos saberes locais da comunidade Laranjeiras.

Constatamos, portanto, que a dialogicidade está presente na comunidade e no cotidiano das mulheres, embora elas não utilizem esse conceito. Por meio dessa dialogicidade transitamos nesse conhecimento existente, identificando os valores civilizatórios presentes na comunidade, ancorado nos saberes locais e potenciais temas geradores, possíveis de serem utilizados em práticas educativas de alfabetização dialógica por meio de oficinas, a exemplo do que realizamos com a ODALa, superando a tônica de reprodução do conhecimento (educação bancária), pela aprendizagem e construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Viviane de Oliveira. Trabalho, conflitos e identidades numa terra de babaçu. **Revista História Social**, Campinas – SP NO 14/15, 2008.

\_\_\_\_\_. **Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo das Quebradeiras de coco babaçu no Maranhão**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002. 117 p.

BOAKARI, Francis Musa. Das experiências, nossas vozes epistêmicas: questionar e construir saberes-conhecimentos problematizadores. In: MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; SILVA, Sirlene Pinheiro da. (Orgs.). **Vozes epistêmicas e saberes plurais: gênero, afrodescendência e sexualidade na educação**. São Luís: EDUFMA, 2019, p. 77-100.

CASTIANO, José. **Os saberes locais na academia: condições e possibilidades da sua legitimação**. Maputo: Editora Educar; CEMEC; Universidade Pedagógica, 2013.



COMIN, Fabio Scorsolini-; SANTOS, Manoel Antônio dos. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**. 20(3), p. 745-756, 2010.

FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. 2. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2019.

GAUTHIER, Jacques. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**. Jan /Fev /Mar /Abr 2004.

\_\_\_\_\_. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. 1. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2012.

\_\_\_\_\_. Sociopoética e formação do Pesquisador Integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, 4(1): 78-86, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Ed., 13 reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PETIT, Sandra Haydée: Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes; VASCONCELOS, José Gerardo (orgs): **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR/UFC. 2002.

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. **ARKHÉ: corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação**. Reunião: 31ª Reunião Anual da Anped, 2008. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/arkhe-corpo-simbologia-e-ancestralidadecomocanais-de-ensinamento-na-educacao>. Acesso: 22 out. 2021.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei n2 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Tercilia Mária da Cruz. **Saberes dos Cocais Maranhenses: dialogicidade com Mulheres Quilombolas Quebradeiras de Coco Babaçu**. 2023. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.